

# O fluxo de consciência em *Mrs. Dallaway*, de Virginia Woolf

Simone Elizabeth de Sousa

UNIPAM

Orientação: Prof. Dr. Luís André Nepomuceno

**Resumo:** O presente trabalho objetiva realizar um estudo da obra *Mrs. Dallaway* de Virgínia Woolf sob as perspectivas teóricas do fluxo de consciência e apresentar uma análise das personagens centrais à luz da teoria literária.

**Palavras-chave:** romance estrangeiro moderno – Virginia Woolf – fluxo de consciência

## 1. Considerações iniciais

Pretende-se, neste trabalho, realizar uma análise acerca do fluxo de consciência, que é uma técnica narrativa comum a vários autores do período modernista, além de mostrar como as personagens centrais são abordadas de acordo com seu comportamento diante dessa temática, que desenvolve grande percurso na literatura inglesa.

Virgínia Woolf viveu entre 1882 e 1941, era inglesa e morou na infância em Bloomsbury, bairro de Londres, onde se encontravam grandes intelectuais que tinham o objetivo de se opor aos valores éticos da sociedade vitoriana, um período que se destacou na Inglaterra como conservador e moralista. Ela se casou, teve uma vida atribulada conjugalmente, e morreu tragicamente, suicidando-se.

Woolf vivenciou o período modernista (1915-1920), no qual a literatura passa por diversas mudanças, em que o autor deixa os padrões clássicos e tradicionais e começa a trabalhar nas obras a interioridade do homem com relação ao mundo e a sociedade.

Este estudo se divide em três etapas: a primeira mostra o fluxo de consciência e o inconsciente à luz de teorias; na segunda, apresenta-se uma base teórica para a classificação das personagens de *Mrs. Dallaway*; e a terceira apresenta o comportamento das personagens com relação ao fluxo de consciência.

O referido trabalho se justifica por apresentar um estudo que propicia uma reflexão sobre o ser humano em sua relação entre o mundo social e o vazio do indivíduo. Espera-se que este estudo possa alcançar os objetivos propostos bem como contribuir para futuras análises da obra em questão, sendo de valia a estudos posteriores.

## 2. O inconsciente e fluxo de consciência

Em *Mrs. Dalloway*, de Virgínia Woolf, é apresentado o método narrativo denominado fluxo de consciência. Este método aborda os pensamentos das personagens explorando-os mais que a realidade. Segundo Coelho de Carvalho (1881, p. 51), esse termo consiste na “(...) especialização de um determinado modo de foco narrativo. Poderíamos definir o método como a apresentação idealmente exata, não analisada, do que se passa na consciência de um ou mais personagens”. Então, é possível dizer que o fluxo de consciência pode ser tratado como um método ficcional utilizado para explorar a consciência das personagens, estabelecendo os seus pensamentos de acordo com o inconsciente. O inconsciente descoberto por Freud, segundo J. Laplanche e J. B. Pontalis (apud Bock, 1999, p. 73) exprime “o conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência”. Assim, podemos dizer que o inconsciente não está em acesso ao consciente, ou seja, desconhece as relações lógicas, fazendo associações de idéias. Não tem relação com o tempo, desconhece o passado e o presente.

É possível dizer que Woolf, ao escrever *Mrs. Dalloway*, poderia se encontrar com um desejo reprimido. Segundo Marcele Marini et al. (1997, p. 56), Freud propõe uma teoria dinâmica do inconsciente considerado como sonho que se fundamenta na

(...) “descarga psíquica de um desejo em estado de recalque”, mas é a sua “realização *disfarçada*”. Porque o desejo inconsciente que busca a satisfação se choca com a *censura* do consciente e, mesmo, em parte, do pré-consciente. Assim toda produção psíquica é uma *formação de compromisso* entre a força do desejo e o poder de recalque do consciente. Compreende-se que a noção de *conflito psíquico* seja essencial: conflito entre o desejo e interdição, desejo inconsciente e desejo consciente (...).

Então poder-se-ia imaginar Woolf em sono profundo: ela se encontraria no ato de exclusão de idéias e sentimentos do campo de sua consciência ao escrever *Mrs. Dalloway*, ou seja, o seu desejo inconsciente manifestar-se-ia de acordo com o que propõe a idéia da obra, que é a relação das personagens com a sociedade moralista daquela época. Provavelmente Virgínia passava pelo mesmo problema e estaria tentando lançar para fora esses sentimentos e desejos reprimidos.

## 3. Teorias acerca das personagens de Virginia Woolf.

Um dos principais pontos para a criação de uma obra é o uso das personagens. Estas desempenham um importante papel na ação dramática ou narrativa. Dentro da perspectiva teórica, as personagens são apresentadas como:

(...) o herói condutor e intérprete dos motivos da narrativa, compreende sempre uma atitude existencial, a situação humana no cosmos e no tempo histórico, isto é, o homem em sua dupla realidade: manifesto ou subjetivo, dominado pelos impulsos motores fundamentais da emoção e manifesto ou objetivo, condicionado pelo meio e sociedade. (DEFINA, 1975, p. 83).

Para Defina, a personagem é reconhecida pelo seu papel de enfatizar o momento existencial, a posição social do homem com relação ao mundo em determinado tempo. A subjetividade também se destaca pelo fato de levá-las à sua interioridade ou à individualidade. Podemos perceber estes aspectos em *Mrs. Dalloway*, que revela a subjetividade com relação às personagens.

Segundo Moisés (1970, p. 111), as personagens são divididas em dois grupos: personagens redondas e personagens planas:

Estas, seriam bidimensionais, dotadas de altura e largura mas não de profundidade: um só defeito ou uma só qualidade. Quanto às personagens redondas, ostentariam a dimensão que faltam às outras, e, por isso possuiriam uma série complexa de qualidades ou/ e defeitos.

Dessa forma podemos dizer que as personagens planas não são descritas profundamente, mas, são comuns, ou seja, a todo momento, são encontradas com as mesmas características. As personagens redondas, conhecidas como psicológicas, são consideradas complexas. São desenvolvidas em obras, com o intuito de focalizar a personagem dentro de si, naquele momento. Descreve-se o seu individual, relacionando-se ao consciente e inconsciente. Segundo Magalhães (2007, p.5) “a personagem existe para além do tempo”, ou seja, em um momento age de uma forma, em outro se encontra diferente, ou seja, o sujeito está bem em certa hora e posteriormente em estado de desespero ou tristeza.

É importante perceber que Virgínia Woolf, em sua obra *Mrs. Dalloway*, apresentou o tipo redondo para a caracterização das personagens, destacando-se a descrição psicológica, trazendo a individualidade que se manifesta em oposição ao existente.

#### **4. O fluxo de consciência e o comportamento das personagens em *Mrs. Dalloway***

Na referida obra, o fluxo de consciência pode ser explorado de acordo com a vida de suas personagens centrais em relação ao meio social em que estão vivendo. Ocorre uma série de cenas em que elas vivem uma realidade de valores morais que eram bastante apreciados naquela época. Época esta em que o desempenho vitoriano, que foi um momento no qual os valores morais, tradicionais e conservadores marcavam a Inglaterra entre 1837 a 1901, ainda era abrangente. Abordam-se ainda os pensamentos inconscientes que buscavam na realidade social uma forma de apresentar a interioridade de cada personagem. O sujeito encontra-se consigo próprio a ponto de descobrir que está vivendo uma identidade

diferente do que é na verdade. A identidade é o próprio inconsciente desordenado, sem definição. Então, há uma reflexão sobre o indivíduo interior e sobre os fatos que acontecem no mundo exterior, destacando as cenas de espaços físicos apresentados na obra, reforçando essa aplicação.

Percebe-se, assim, que o fluxo de consciência, sendo uma técnica narrativa, foi usado por Woolf com o intuito de demonstrar a idéia de confronto com a identidade interior de cada personagem e a realidade exterior do mundo. Diante disso, temos Clarissa Dalloway, pertencente à alta classe londrina, esposa de Richard Dalloway. Parece feliz, está ocupada com a preparação de uma festa que ocorrerá à noite em sua casa. Reencontra-se com Peter Walsh, com quem tivera um relacionamento amoroso no passado. Nesse ínterim, encontra-se em desequilíbrio consigo mesma, revivendo grandes acontecimentos do passado: “(...) tal foi a surpresa que sentiu ao vê-lo, a alegria, o sobressalto, o embaraço de ver chegar Peter Walsh de manhã, tão inesperadamente” (WOOLF, 1980, p. 42).

Clarissa luta consigo mesma, nota-se que ao mesmo tempo em que se sente feliz ao rever o grande amor de sua vida, se encontra em desespero. Ela se arrepende por não ter se rendido a esse amor no passado. Por outro lado, prefere viver na alta sociedade, mesmo não se sentindo bem, tendo que manter as aparências. Dessa forma temos a idéia do vazio do indivíduo, refletido no ser humano a partir do momento que está bem consigo mesmo, estando em carência com a tranquilidade pessoal.

Peter sempre fora apaixonado por Clarissa, contudo não se deixou abalar pelo casamento dela com Richard. Foi para Oxford, depois para a Índia, onde encontra um novo amor. Ao mesmo tempo, Peter se sente fracassado pelo fato de Clarissa o ter deixado no passado e por ter, naquele momento, cinquenta anos e a ver tão fria e distante, não podendo falar o que estava sentindo. “Toda a vida, Peter tinha-se deixado levar daquela maneira, primeiro, fazendo-se desligar de Oxford, depois o casamento com a que encontrou na viagem para Índia; agora, a esposa de um major...” (idem, 1980, p. 47).

Peter, diferente de Clarissa, não se preocupa em manter as aparências, vive livremente na sociedade, não se prende às normas morais. Porém, vive preso dentro de si mesmo, com relação aos sentimentos do passado e presente.

É importante salientar a participação da personagem Sally Seton na vida de Clarissa, pois que, pelo que é possível deduzir, elas tiveram um relacionamento amoroso no passado. É uma mulher que desequilibra a estrutura da sociedade vitoriana, de acordo com o seu comportamento diante da alta classe de Londres.

Septimus Smith, sendo um veterano da Primeira Guerra, tornou-se neurótico por causa da morte de seu superior Evans e por outras catástrofes da guerra. Casado com a italiana Lucrezia, encontra-se em estado depressivo e ainda tendo de passar por várias práticas psiquiátricas.

Ameaçado a ser levado a um sanatório, Septimus se mata, atirando-se de um prédio. “Septimus foi um dos primeiros voluntários. Partiu para a França a salvar uma Inglaterra

que consistia quase inteiramente das peças de Shakespeare e de Miss Isabel Pole passeando de verde numa praça”. (idem, 1980, p. 84). A vida de Septimus, atribulada, carregada de medo apresenta a realidade da Inglaterra naquele momento pós-guerra, ou seja, a Inglaterra que fora cheia de moralismos e tradicionalismos, agora passa por um distúrbio causado pela guerra, grandes mudanças, tanto na arte, quanto na literatura, aspectos sociais que entram em confronto com os valores morais.

Diante da vida das personagens citadas, observa-se que o fluxo de consciência apresenta uma relação com os momentos passados e com as práticas realizadas por essas personagens, e nisso, considera-se o desejo reprimido de Woolf, o qual ela queria excluir do seu consciente, e que por sinal seria a tentativa de acabar com o conservadorismo dentro da sociedade.

## 5. Considerações finais

O presente estudo teve como base teorias de análises literárias e fundamentos da psicanálise freudiana. Inicialmente, foi feito um estudo acerca do inconsciente e do fluxo de consciência estabelecendo uma relação entre eles. Em seguida um apanhado geral da teoria das personagens. Assim, abordou-se o comportamento das personagens considerando o fluxo de consciência na obra *Mrs. Dalloway*, de Virgínia Woolf.

A análise permite compreender o fluxo de consciência como um método narrativo e explorar a identidade de personagens considerados psicológicos na obra.

## Referências bibliográficas

BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999. 368p.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária*. São Paulo: Pioneira, 1981. 630.

DEFINA, Gilberto. *Teoria e prática de análise literária*. São Paulo: Pioneira, 1975. 148 p. (Manuais de Estudo).

MAGALHÃES, Alexandre Pereira, et. al. *A criatura no espaço da memória: uma análise do tempo em crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. Caderno de Letras – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Centro Universitário de Patos de Minas, 2007.

MARINI, Marcelle; BARBERIS, Pierre; BIASI, Pierre-Marc; VALENCY, Gisele. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 206 p. (Coleção Leitura e crítica).

MOISÉS, Massaud. *Guia prático de análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1970. 284p.

WOOLF, Virgínia. *Mrs. Dalloway*. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.